



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL
E MODERNO EM PORTUGAL

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

74-75

Ano de Edição

2025

Ano Associativo AAP

2022-2023

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e César Neves

Design gráfico

Paulo Freitas

Fotografia da capa

Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

250 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud

SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM

- 9 Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura
Santiago Macias
- 99 Memórias
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia
Manuela de Deus

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura
Vanessa Gaspar

ARTIGOS

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)
Carlos Boavida

RELATÓRIOS

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

FRANCISCO SANTANA. O OLISIPÓFILO E O PERIÓDICO *OLISIPO*

Eunice Relvas

GEO (CML-DPM-DPC) | HTC (NOVA FCSH/CEF-UC) / eunicerelvas@gmail.com

Resumo

O objectivo é analisar as temáticas abordadas pelo olisipófilo Francisco Santana no periódico *Olisipo: Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*. Consagrado olisipógrafo, os seus estudos são de consulta obrigatória para investigadores e todos os curiosos que apreciam a História de Lisboa. Existem centenas de páginas da sua autoria, menos conhecidas, disseminadas em variadas publicações periódicas. Inicialmente, a nossa ideia era apresentar os temas estudados por este autor nos jornais e revistas nacionais. Porém, tal seria uma tarefa ciclópica; por isso, limitámo-nos a examinar o referido boletim.

Pensamos que a pluralidade de assuntos abordados por Francisco Santana em *Olisipo*, genuinamente caleidoscópica, patenteará o valor da sua Obra e é um merecido tributo a este Mestre da Olisipografia.

Palavras-chave: Francisco Santana, Lisboa, Olisipografia.

Abstract

This communication analyzes the themes addressed by the olisipófilo Francisco Santana in the *Olisipo: Boletim do Grupo Amigos de Lisboa* periodical. This renowned olisipographer's studies are mandatory for researchers and all those curious appreciators of Lisbon's history. There are hundreds of less-known pages of his authorship across multiple periodicals. Initially, our idea was to present the themes studied by this author in national newspapers and magazines. But that would be a herculean task, therefore we've limited ourselves to the referred bulletin.

We believe the multitude of subjects inscribed by Francisco Santana in *Olisipo* will show his work's value, and it's a well-deserved tribute to this Master of Olisipography.

Keywords: Francisco Santana, Lisbon, Olisipography.

1. INTRODUÇÃO

O historiador Francisco José Gingeira Santana nasceu em Lisboa, em 29 de Março de 1930 e faleceu na mesma cidade no dia 6 de Março de 2023. Filho de Manuel Fernandes Santana e Manuela Lino Gingeira. Era licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas pela Universidade de Lisboa. Foi membro de várias agremiações culturais, nomeadamente da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP)¹, entre outras instituições. Olisipógrafo de grande mérito, sempre orientado pela seriedade científica, as suas obras são respeitadas e utilizadas por investigadores e todos quanto estudam e/ou apreciam a História de Lisboa. A afortunada frase de Norberto de Araújo² “a ansiedade de saber Lisboa”³ foi inúmeras vezes utilizada por Santana nos seus trabalhos. Seria, possivelmente, o anseio de sabedoria que mobilizou o seu labor, mas na sua escrita sobressaiu o olisipófilo, cuja etimologia provém do latim *Olispo*+amado, ou seja, pessoa “que tem grande admiração ou especial gosto por tudo o que é lisboeta”⁴. Recordemos o que Santana escreveu a propósito de dois devotos de Lisboa: “amaram Lis-

¹ José Timóteo Montalvão Machado foi o proponente da sua proposta para a admissão como sócio efectivo da AAP, Secção de História, que seria aprovada na assembleia geral, de 15 de Julho de 1971, por unanimidade. Na AAP, Santana viria a desempenhar, de 1973 a 1999, os seguintes cargos directivos: Secretário-Geral (Out. de 1975 a Out. de 1981); Vice-Presidente (Out. de 1981 a Out. de 1990); Presidente da Direcção (Out. de 1990 a Out. de 1994); Secretário da Secção de História (triénio 1973-1975) e Vice-presidente da citada (triénios de 1982-1984, 1985-1987 e 1987-1990, até Out.); Presidente da Mesa da Assembleia Geral da AAP (Out. de 1994 a Jul. de 1999). Além disso, também desempenhou o cargo de Secretário da Mesa da Comissão de Estudos Olisiponenses (2006-2008). Estes dados foram facultados pelo Dr. Carlos Boavida, Secretário da Mesa da Comissão de Estudos Olisiponenses da AAP, a quem muito agradeço.

² Norberto de Araújo (1889-1952). Jornalista, escritor e olisipógrafo. Um dos fundadores do Grupo Amigos de Lisboa. Deixou-nos um importante legado para o estudo da capital, do qual se destacam os 15 livros das *Peregrinações em Lisboa* (1938-1939); o *Inventário de Lisboa* (1941) e as *Legendas de Lisboa* (1943). Para mais informações veja-se E. S. (1994) – Araújo (Norberto). In Francisco Santana; Eduardo Sucena, orgs. (1994) – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 74-75.

³ Francisco Santana (2001) – Pastor de Macedo. Alguns dispersos. *Olisipo*. Lisboa. S. II, 15, p. 111.

⁴ Portugal. Academia das Ciências de Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, eds. (2001) – *Olisipófilo*. In *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Editorial Verbo, p. 2662.

boa com um amor que também foi conhecimento e foi também acção. Estudaram a cidade e procuraram divulgar o que dela sabiam; nela criaram ou integraram instituições diversas, dinamizadoras da vida social”⁵; e que justapomos ao próprio, com toda a equidade.

A olisipografia era o objecto de estudo e a dedicação de Santana, que elegeu o século XVIII como a centúria na qual incidiram, comumente, as suas investigações⁶. Existem inúmeras páginas da sua autoria, menos conhecidas, dispersas por várias publicações periódicas nacionais. Por isso, contrariando a nossa ideia inicial, limitámos este trabalho ao estudo do periódico *Olisipo: Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*; cujo primeiro número foi dado à estampa em Janeiro de 1938. Como indicado no subtítulo é o boletim [oficial] do Grupo Amigos de Lisboa (GAL), fundado dois anos antes, a 18 de Abril de 1936, data da primeira assembleia de instituidores onde foram aprovados os seus estatutos e eleitos os primeiros órgãos sociais⁷.

Ao longo dos anos o boletim *Olisipo* teve uma periodicidade irregular (trimestral, quadrimestral, semestral, bianual e anual). A I Série decorreu até aos números 150/151/152 (1987/1988/1989). Após um interregno de cinco anos foi dada à estampa a II Série em 1994, que decorre em publicação; se bem que o último número editado seja referente ao ano de 2019. Desde a sua criação que uma pléiade de olisipógrafos e outros estudiosos e amantes de Lisboa colaboraram nas suas páginas; constituindo este boletim um extraordinário repositório das mais díspares temáticas olisiponenses.

2. FRANCISCO SANTANA E O BOLETIM OLISIPO

Tracemos o âmagô da nossa comunicação – a colaboração de Santana no *Olisipo*. O seu primeiro artigo, intitulado “O Paço da Praça do Comércio”, surgiu nos números 139/140 (1976/1977) da I Série, continuan-

⁵ Francisco Santana (1996) – Possidónio da Silva e Francisco José de Almeida. Dois amigos de Lisboa. *Olisipo*. Lisboa. S. II, 2, p. 63.

⁶ Ver Francisco Santana (1997) – “Lisboa Pré-portuguesa”. *Olisipo*. Lisboa. S. II, 4, p. 37.

⁷ As primeiras instalações (provisórias) do GAL estavam localizadas na Sociedade de Propaganda de Portugal. A sua primeira sede própria situou-se na Rua Garrett, 66-2º (Palácio Marquês de Nisa). Em Junho de 1953, passou para o Largo Trindade Coelho, 9-1º; e, a 15 de Julho de 1975, para o Palácio da Mitra, em Marvila. Desde Abril de 2003 que o GAL está sediado na Rua Portugal Durão, 58A. In https://www.amigosdelisboa.com/about_us [consult. 2023-01-17].

do nos números 141 e 142/143 (1978 e 1979/1980). A sua última participação efectivou-se com várias colaborações no número 32, da II Série (2019). Este profícuo contributo com um total de 181 colaborações (artigos e pequenos textos), aliados à coordenação da secção “Feira da Ladra”, foi consentâneo com a Direcção deste boletim, como podemos observar no Quadro I.

Quadro I – Direcção e Editores da revista *Olisipo* (1938-).

Directores	Directores-adjuntos	Séries (n.ºs)	Anos
Grupo Amigos de Lisboa	–	I (1/152)	1938/1989
Junta Directiva do GAL	–	II (1/4)	1994/1997
Francisco Santana	Eduardo Sucena	II (5/11)	1997/1999
Francisco Santana	J. Ramos Baptista	II (12)	2000
Francisco Santana	Appio Sottomayor J. Ramos Baptista	II (13/30)	2000/2009
Francisco Santana	Appio Sottomayor Salette Salvado	II (31 e 32)	2010 e 2019

Em 1994, como já aludimos, ano de publicação do primeiro número da II Série, Francisco Santana era vice-presidente da Junta Directiva do GAL⁸; e, do número 1 ao número 4, a Direcção pertenceu à supra-mencionada Junta. A partir de Dezembro de 1997 (S. II, 5) Santana foi o director do *Olisipo*. Neste número 5 apareceu uma nova secção denominada “Arquivo Pitoresco” – numa homenagem ao famoso periódico de Oitocentos *Archivo Pitoresco* (1857-1868) – vocacionada para a divulgação de imagens pitorescas (fotografias actuais ou antigas) seguidas de uma nota escrita. Esta secção foi inaugurada com um texto da sua autoria intitulado “Igreja da Conceição Nova”, a que se seguiram mais seis colaborações, sendo as duas últimas intituladas “O busto de Pinheiro Chagas” e a “Estátua do Marechal Saldanha”, ambas dadas à estampa no número duplo 29 e 30 (2008 e 2009).

Ainda no número 5 reapareceu a secção “Feira

⁸ Foi admitido como sócio n.º 4.414 desta instituição em sessão da Junta Directiva, no dia 3 de Dezembro de 1981. Lisboa. GAL. Ficha de sócio [Francisco José Gingeira Santana].

da Ladra”⁹, agora coordenada por Santana, reservada à publicação de pequenos textos, que podiam ser acompanhados de ilustrações. Segundo o seu coordenativo, a escolha obedeceria a um “triplo critério: os textos serão pouco ou nada conhecidos, de interesse para os olisipófilos e de dimensões compatíveis com os da secção em que irão surgir”¹⁰. Esta secção será publicada, ininterruptamente, até ao número 32 (2019). É no seu âmbito que a produção de Santana foi mais prolífera e de temáticas multifacetadas. Arrolámos 125 textos da sua autoria, nos quais se destacam os denominados “Castiliana” dedicados a Júlio de Castilho¹¹, onde aparecem, ocasionalmente, “dispersos ou inéditos”¹² deste Mestre, numa sentida homenagem de Santana. Esta subsecção surgiu pela primeira vez no número 11 (1999) e a derradeira no boletim 32 (2019), com o título “Castiliana XVII – As oficinas de S. José”. No campo de acção da importância que o autor devota ao “criador da Olisipografia”¹³, devemos

⁹ Esta secção surgiu na S. I, A. VIII, n.º 31, Julho de 1945. Santana indica que o seu aparecimento poderá ter resultado da iniciativa do olisipógrafo Gustavo de Matos Sequeira, que foi assíduo colaborador da revista *Feira da Ladra* (1929-1943). Cf. Francisco Santana (2001) – *Feira da Ladra. Olisipo*. Lisboa. S. II. 15, p. 131. Santana publicou um artigo com o título “Feira da Ladra”, no qual aborda a revista do mesmo nome, editada entre 1929-1943, dirigida ao estudo de «miuçalha do passado», sem ser exclusivamente olisiponense. Cf. F.S. (2001) – «Feira da Ladra». *Olisipo*. Lisboa. S. II. 15, p. 129.

¹⁰ *Ibidem*, p. 131.

¹¹ Apesar da origem da palavra “Castiliana” ser referente a António Feliciano de Castilho. Veja-se F. S. (1999) – *Feira da Ladra: Castiliana-I. Olisipo*. Lisboa. S. II. 11, p. 111.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibid.* Júlio de Castilho (1840-1919), 2.º Visconde de Castilho. Primogénito de António Feliciano de Castilho. Habilitado com o Curso Superior de Letras, teve uma carreira brilhante no funcionalismo público, desde amanuense da Direcção-Geral de Instrução Pública a conservador adido da Biblioteca Nacional de Lisboa (actual Biblioteca Nacional de Portugal). Foi memorialista, poeta, dramaturgo e historiador, legando-nos uma extensa obra, se bem que na actualidade seja conhecido essencialmente pelas suas obras olisipográficas, das quais destacamos *Lisboa Antiga* (1879-1890) e a *Ribeira de Lisboa* (1893). Teve numerosos discípulos que honraram a sua memória e o seu amor à cidade de Lisboa. Para mais informações sobre a sua vida/obra, veja-se o tríptico de Eunice Relvas (2019) – *Muitas Lisboas de Júlio de Castilho (1840-1919)*. CML/DMC/DPC/GEO; CASTILHO (Júlio). In Francisco Santana; Eduardo Sucena, orgs. (1994) – *Op. Cit.*, p. 244; e, o estudo mais recente e completo sobre Castilho e sua Obra, com co-autoria de Tiago Borges Lourenço; Raquel Seixas (2024) – *Júlio de Castilho. Mestre da Lisboa antiga*. Lisboa: CML/PC/DMC/DPC; NOVA FCSH/IHA.

ainda mencionar o texto “Louvor a Júlio de Castilho” (28, 2007), referente ao louvor que o mesmo recebeu por ter doado uma colecção de desenhos e outros documentos ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Santana também dedicou ao escritor e pedagogo António Feliciano de Castilho (1800-1875), o artigo “Um Percurso Castiliano” (13, 2000), assinalando o duplo centenário do seu nascimento e justificando a publicação deste texto precisamente com o facto de ser “pai do olisipógrafo e mestre de olisipógrafos que foi Júlio de Castilho”¹⁴; similarmente consagrou-lhe um texto na “Feira da Ladra: «As Memórias de Castilho»” (32, 2019) em que salienta o deleite da leitura desta obra biográfica sobre o poeta, da autoria do seu primogénito, e a importância destas *Memórias* enquanto fontes para a História de Lisboa: ruas e quintas, usos e costumes, toponímia, personalidades, etc.

Ainda na “Feira da Ladra”, destacam-se as cartas trocadas entre Castilho e Augusto Vieira da Silva¹⁵, a saber: “Uma carta de Vieira da Silva” (16, 2002), “Três cartas de Vieira da Silva” (20/21, 2004) e “Mais três cartas de Vieira da Silva” (31, 2010), referentes a missivas trocadas entre estes mestres olisipógrafos, nos anos de 1898, 1902 e 1914, todas da Colecção Castilho, do acervo documental da Torre do Tombo.

Em torno da correspondência e da supracitada Colecção, Santana publicou alguns textos sobre troca de missivas entre Júlio de Castilho e notáveis vultos seus contemporâneos, como por exemplo, as “Cartas de Edgar Prestage a Júlio de Castilho” (32, 2019), em que o lusófilo Prestage¹⁶ solicita auxílio para os seus trabalhos de investigação; e uma carta datada de

24 de Março de 1884, dirigida a Freire de Oliveira¹⁷ (27, 2007) – que Santana define como “incansável cabouqueiro”¹⁸ – em que Castilho o parabeniza pela publicação do seu livro *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Destaquemos, igualmente, as cartas de José Maria Pereira Junior (1841-1921), pintor e decorador, que assinava com o pseudónimo Pereira Cão¹⁹; a missiva de Henrique Lopes de Mendonça (1856-1931), escritor, poeta e dramaturgo, autor da letra de *A Portuguesa*, pedindo-lhe aconselhamento especializado para a escrita do romance histórico *Os órfãos de Calecut* (1894); e ainda a de Rocha Martins²⁰, com data de 1916, em que este coloca a Castilho algumas dúvidas e questões relacionadas com os Távoras. Todas estas missivas certificam a estima, ou certamente, a consideração que existia entre Castilho e os citados estudiosos, escritores e artista de Lisboa.

Dentro da mesma temática, destacamos a “Correspondência entre Júlio de Castilho e Possidónio da Silva”²¹ com quatro artigos dispersos por diferentes números (1999 a 2000). Transcrevendo algumas das cartas trocadas entre estes dois amigos e cultores de

¹⁷ Eduardo Freire de Oliveira (1841-1916). cursou a Secção Comercial do Liceu de Lisboa. Funcionário municipal, dirigiu o Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa. No exercício das suas funções organizou os 17 volumes dos *Elementos para a História do Município de Lisboa* (1882-1911). Veja-se Freire de Oliveira (Eduardo). In Francisco Santana; Eduardo Sucena, orgs. (1994) – *Op. Cit.*, pp. 420-421.

¹⁸ F.S. (2007) – Feira da Ladra: Castilhana XV-Castilho e Freire de Oliveira. *Olisipo*. Lisboa. S. II. 27, p. 100.

¹⁹ Cf. Francisco Santana (2004) – Pereira Cão na Primeira Pessoa. *Olisipo*. Lisboa. S. II. 20/21, p. 114-123.

²⁰ Francisco Rocha Martins (1879-1952). Jornalista, romancista e historiador. Frequentou o Curso Superior de Letras, que não finalizou. Activista político, de monárquico liberal a apoiante do Estado Novo e, depois seu opositor. Deixou uma bibliografia activa onde se salientam as obras sobre os reis D. Carlos I (1926) e D. Manuel II (1930). Vd. Joaquim Romero Magalhães (2016) – Martins, Francisco José Rocha. In Portugal. BNP. Sérgio Campos Matos, coord. (2016) – *Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao Final do Estado Novo*. <https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/martins.pdf> [consult. 2023-02-10].

²¹ Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896). Arquitecto, arqueólogo e fotógrafo. Co-fundador da Associação dos Arquitectos Civis Portugueses em 1863; que seria renomeada, nos anos de 1870, de Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses. Ver Martins, Ana Cristina (2019) – Silva, Joaquim Possidónio Narciso da (Possidónio da Silva). In Emília Ferreira; Joaquina d’Oliva Monteiro; Raquel Henriques da Silva, eds. (2019) – *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*. Lisboa: IHA/FCSH/NOVA, pp. 285-287.

¹⁴ Francisco Santana (2000) – Um percurso Castiliano. *Olisipo*. Lisboa. S. II. 13, p. 78.

¹⁵ Augusto Vieira da Silva (1869-1951). Engenheiro militar e olisipógrafo. Sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Foi o primeiro Presidente do Grupo Amigos de Lisboa. Grande coleccionador de obras, gravuras e mapas raros de Lisboa, entre outras colecções, que foram adquiridas pelo Município de Lisboa, em 1953, e que constituem o núcleo documental principal do Gabinete de Estudos Olisiponenses. Para mais informações veja-se Vieira da Silva (Augusto). In Francisco Santana; Eduardo Sucena, orgs. (1994) – *Op. Cit.*, pp. 959-960.

¹⁶ Edgar Prestage (1869-1951). Historiador britânico, académico, tradutor. Casou com a filha de Maria Amália Vaz de Carvalho. Dedicou-se à História da Expansão Portuguesa e, a partir de 1923, dirigiu a “cátedra Camões” no Kings College de Londres. Vd. Francisco Santana (2019) – Cartas de Edgar Prestage... *Olisipo*. Lisboa. S. II. 32, p. 155.

Lisboa (igualmente, depositadas na Torre do Tombo), na quase totalidade relativas a assuntos da Associação dos Arqueólogos e que nos expõem a crescente afeição e respeito mútuo destas duas ilustres figuras. O interesse e admiração de Santana por Possidónio estão igualmente patentes nos artigos “Passeando com Possidónio” (4, 1997), um texto da conferência proferida na sede do Grupo Amigos de Lisboa, a 23 de Março de 1996, assinalando o centenário da morte deste arqueólogo, que nos transporta num passeio cronológico pelos lugares da vida do homenageado; e “Possidónio da Silva e Francisco José de Almeida²² – dois amigos de Lisboa” (2, 1996), em que Santana relembra as suas vidas e obras; e, também, nos seguintes textos da secção “Feira da Ladra”: “A Luneta de Possidónio” (24/25, 2006), sobre o desenho do mesmo para “uma das lunetas da ala norte do claustro dos Jerónimos, a primeira do lado poente²³, que representa uma das embarcações de Vasco da Gama; “Possidónio a abertura da Avenida” (22/23, 2005), a propósito de uma carta que este endereçou, a 11 de Junho de 1874, ao *Jornal do Commercio*, publicada em 18 de Julho desse ano; e, por último, “O busto de Possidónio da Silva” (16, 2002), sobre o busto oferecido pelo próprio ao Albergue dos Inválidos do Trabalho, de foi fundador, na passagem do 30.º aniversário desta instituição.

Entre esta vasta profusão de quase duas centenas de textos, para além dos já citados neste trabalho, sobressaem pela sua importância os seguintes artigos, por ordem cronológica de publicação: “A Lisboa de Setecentos nos Processos Inquisitoriais” (4, 1997); “A Lisboa de Eça de Queirós” (6, 1998); “Uma escola criada por Pombal, a Aula do Comércio (10, 1999); “A Preta Fernanda – Verdades e Mentiras” (em co-autoria) (18, 2003); “O Palácio do Intendente” (18, 2003); “O Cofre de Beneficência do Governo Civil” (19, 2003); “No Rescaldo do Terramoto” (22/23, 2005); “Sinais de Industrialização em finais do século XIX” (24/25,

²² Francisco José de Almeida (1810-1881). Foi aluno da Aula do Comércio. Director de um escritório comercial, na Rua do Ouro. Sócio fundador da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Assembleia Lisbonense, no Palácio da Horta Seca, entre outras sociedades culturais e recreativas. Director do Albergue dos Inválidos do Trabalho e da Escola Asilo de S. Pedro de Alcântara. Veja-se Francisco Santana (1987) – A Aula do Comércio de Lisboa: V-Abecedário de lentes e aulistas. *Lisboa: Revista Municipal*. Lisboa. S. II., A. 48, 21, pp. 24-25.

²³ F.S. (2006) – Feira da Ladra: A Luneta de Possidónio. *Olisipo*. Lisboa. S. II. 24/25, p. 181.

2006); “O Quelhas – Das Brígidas aos Jesuítas” (28, 2007); “O Trindade à Vol D’Oiseau” (29 e 30, 2008 e 2009); “Nos 100 Anos da Igreja dos Anjos” (31, 2010) e “O Recolhimento do Amparo” (32, 2019).

3. CONCLUSÃO

Nos artigos e pequenos textos que publicou no boletim *Olisipo*, Santana estuda a história de Lisboa nos seus aspectos geográficos, políticos, económicos, sociais e culturais, abordando os temas mais distantes e ecléticos, sem esquecer as celebridades alfacinhas, desde as mais famosas às mais populares. Entre as personalidades recorrentes nas suas investigações estão os mestres olisipógrafos, com especial destaque para Júlio de Castilho. Nas páginas deste periódico também divulga algumas fontes documentais de indiscutível importância olisiponense e histórica. Os seus artigos são uma fonte infundável e valiosa sobre a Lisboa de antigamente (da pré-história ao século XX), onde os investigadores das ciências sociais podem deparar-se com apontamentos e esclarecimentos relevantes e imprevistos.

Nos estudos que escreveu para *Olisipo* e em toda a sua extensa Obra, perpassa o seu amor por Lisboa. Na sua escrita, que obedece ao rigor científico, sentimos o palpitar da cidade, oferecendo-nos uma tela colorida povoada de gentes, sonoridades, monumentos, bairros, sítios e ruas. Para finalizar, por tudo o acima exposto, enquanto alfacinha e estudiosa de Lisboa, não posso deixar de expressar o meu profundo agradecimento ao grande olisipófilo e meu estimado e saudoso amigo Francisco Santana.

FONTES

LISBOA. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Proposta para admissão de sócio [Francisco José Gingeira Santana].

LISBOA. Grupo Amigos de Lisboa. Ficha de sócio [Francisco José Gingeira Santana].

Olisipo: Boletim do Grupo Amigos de Lisboa (1976/1977 – 2019).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO (Júlio). In SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo, orgs. (1994) – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, p. 244.

FREIREDEOLIVEIRA (Eduardo). In SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo, orgs. (1994) – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 420-421.

LOURENÇO, Tiago Borges; SEIXAS, Raquel (2024) – Júlio de Castilho. Mestre da Lisboa antiga. Lisboa: CML/PC/DMC/DPC; NOVA FCSH/IHA.

MAGALHÃES, Joaquim Romero (2016) – MARTINS, Francisco José Rocha. In PORTUGAL.BNP.MATOS, Sérgio Campos, coord. (2016) – *Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao Final do Estado Novo*. <https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/martins.pdf> [consult. 2023-02-10].

MARTINS, Ana Cristina (2019) – SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da (Possidónio da Silva). In FERREIRA, Emília; MONTEIRO, Joaquina d'Oliveira; SILVA, Raquel Henriques da, eds. (2019) – *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*. Lisboa: IHA/FCSH/NOVA, pp. 285-287.

PORTUGAL. Academia das Ciências de Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, eds. (2001) – Olisipófilo. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. II. Lisboa: Editorial Verbo, p. 2662.

RELVAS, Eunice (2019) – *Muitas Lisboas de Júlio de Castilho (1840-1919)*. CML/DMC/DPC/GEO. Tríptico. III Colóquio de Olisipografia. Júlio de Castilho. Centenário. Teatro Aberto, 21-23 novembro 2019.

SANTANA, Francisco (1987) – A Aula do Comércio de Lisboa: V-Abecedário de lentes e aulistas. *Lisboa: Revista Municipal*. Lisboa. A. 48, S. II. 21, pp. 24-25.

S., E. (1994) – ARAÚJO (Norberto). In SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo, orgs. (1994) – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 74-75.

VIEIRA DA SILVA (Augusto). In SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo, orgs. (1994) – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, pp. 959-960.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2025

www.arqueologos.pt